

## **“OFÍCIO DE MESTRE”: IMAGINÁRIO E REPRESENTAÇÕES SOBRE O PROFESSOR NAS CHARGES DE SINOVALDO E TACHO**

Cláudia Santos Duarte<sup>1</sup>  
Cláudia Gisele Masiero<sup>2</sup>  
Janice Roberta Schröder<sup>3</sup>

**Resumo:** O objetivo deste estudo é perceber como o imaginário acerca do professor é representado em determinadas charges. O corpus documental é constituído por nove trabalhos, sendo quatro de autoria do chargista Sinovaldo e cinco do chargista Tacho, as quais permanecem publicadas em seus respectivos endereços na internet, mas que foram, anteriormente, veiculadas em jornais, especialmente o Jornal NH, de Novo Hamburgo, RS. Pretende-se fazer uma análise iconográfica e iconológica dessas imagens, conforme Burke (2004), realizando o inventário e a descrição delas e, posteriormente, a interpretação e reflexão sobre o seu conteúdo. Essa proposta justifica-se pela importância da reflexão acerca das “imagens sociais diversas” em torno da figura do professor. Tal perspectiva aproxima-se dos estudos de Arroyo (2002), que fala do “ofício de mestre” e afirma que esse está carregado de uma construção social, cultural e política, permeada por elementos que extrapolam a escola. Nesse caso, as charges são entendidas como representação social, conforme Chartier (2002), do imaginário acerca desse profissional. As charges, de modo geral, possuem considerável expressividade e capacidade de diálogo com o leitor, além de captar e sintetizar o momento histórico vivido com competência. Contudo, podem ser também testemunhas desse processo de construção, contendo em si elementos que estão presentes na atualidade, mas que possuem profundas raízes históricas. Esse estudo ainda tem por base o trabalho de Citelli (2012), cuja preocupação é estudar como as mídias constituem as imagens dos professores em outras distintas situações. As temáticas abordadas pelas charges em questão perpassam pelas questões de gênero, perfil, credibilidade, valorização e desvalorização da figura do professor. E se por um lado reforçam alguns estereótipos, por outro, se valem de um tom de denúncia.

**Palavras-chave:** Imagem do professor; Charges; Representação social.

---

<sup>1</sup> Mestra em Processos e Manifestações Culturais – Universidade Feevale. Tutora EaD, Universidade Feevale.

<sup>2</sup> Mestra em Processos e Manifestações Culturais – Universidade Feevale. Tutora EaD, Universidade Feevale.

<sup>3</sup> Mestra em Processos e Manifestações Culturais – Universidade Feevale. Professora da rede Municipal de São Sebastião do Caí.

## XII SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS

Profissão, Professor: Desafios no Ensino de História

[www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos](http://www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos)

### 1. INTRODUÇÃO

O tema deste estudo se refere ao imaginário e às representações do professor presentes em nove charges veiculadas na imprensa gaúcha, sendo quatro de autoria do chargista Sinovaldo e cinco do chargista Tacho. O objetivo desta abordagem é perceber como o imaginário acerca do professor é representado nessas imagens.

A análise proposta é baseada em Burke (2004) e parte das perspectivas iconográfica e iconológica dessas charges, realizando o inventário e a descrição delas e, posteriormente, a interpretação sobre o seu conteúdo. Este estudo justifica-se pela importância da reflexão acerca das representações em torno da figura do professor, promovendo a discussão sobre os imaginários que circundam a profissão e que, por vezes, lhe conferem estereótipos prejudiciais no que se refere a sua legitimidade social.

O estudo busca referencial teórico em Arroyo (2002), que fala do “ofício de mestre” e da construção social, cultural e política que permeia esse profissional; Chartier (2002) que propõe a questão da representação social; Bakhtin (1988/1999), que oferece subsídios para a compreensão das relações discursivas presentes nas imagens; Citelli (2012), cuja preocupação é estudar como as mídias constituem as imagens dos professores; além de Burke (2004), que possibilita a compreensão das relações entre a História e as imagens.

Desse modo, as charges são vistas, de modo geral, com uma considerável expressividade e dotadas de capacidade de diálogo com o leitor, além de captar e sintetizar o momento histórico vivido com competência.

### 2. A FIGURA DO PROFESSOR: IMAGINÁRIOS E REPRESENTAÇÕES

Peter Burke (2004) afirma que a história da cultura material não seria virtualmente possível sem o testemunho das imagens, que também oferecem uma importante contribuição para a história das mentalidades. Outra de suas importantes constatações se refere ao uso das imagens por parte dos historiadores, que não deve ser, segundo ele, limitado à evidência no sentido do termo, ou seja, deve também deixar espaço para o impacto da imagem na imaginação histórica, para tanto cita Francis Haskell. Burke (2004) complementa o seu pensamento dizendo:

## XII SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS

Profissão, Professor: Desafios no Ensino de História

[www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos](http://www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos)

É desnecessário dizer que o uso do testemunho de imagens levanta muitos problemas incômodos. Imagens são testemunhas mudas, e é difícil traduzir em palavras o seu testemunho. Elas podem ter sido criadas para comunicar uma mensagem própria, mas historiadores não raramente ignoram essa mensagem, a fim de ler as pinturas nas “entrelinhas” e aprender algo que os artistas desconheciam estar ensinando (BURKE, 2004, p. 18).

Assim, é necessário estar atento às fragilidades dessa fonte e, como se faz com todas as demais, a criticidade deve acompanhar o historiador. Assim, uma opção para a interpretação das imagens pode dar-se através do que se entende por iconografia e iconologia. Burke (2004) nos traz alguns exemplos de estudo de imagens, através dos quais se evidenciam os níveis de interpretação. Primeiro o iconográfico, que se preocupa com a descrição e identificação de elementos e eventos, ou seja, o “sentido natural” e o “sentido convencional”<sup>4</sup>. Por fim, o nível iconológico que se volta para o “significado intrínseco”, esse seria o mais aprofundado.

As charges são entendidas nesse estudo como imagens, porque fundamentalmente trabalham com a lógica do visual e circulam como tais. Se as imagens são feitas para comunicar como afirma Burke (2004), esse sentido é, também, inerente às charges. Contudo, é claro que é preciso destacar as suas peculiaridades. Primeiramente, unem desenho e texto para instaurar um sentido. São polissêmicas. Pode-se dizer que suas características mais fortes são o humor, a sátira, a reflexão e a denúncia. Nem todas elas estão presentes em todas as charges, mas geralmente há uma combinação de dois ou mais desses elementos.

Quanto aos chargistas, autores dos materiais analisados neste breve estudo, Mario Arthur Junges, usa o pseudônimo Sinovaldo, nasceu em Novo Hamburgo, em 1950. É gerente de arte do Grupo Editorial Sinos. Cria charges e tirinhas para os jornais NH, Diário de Canoas e VS de São Leopoldo. Gilmar Luiz Tatsch, conhecido como Tacho, nasceu em São Leopoldo, em 1959. Iniciou a carreira em 1976. Atualmente é chargista dos jornais NH, VS, Diário de Canoas, Jornal de Gramado e do Correio do Povo, conforme informações disponíveis em seu próprio blog, chamado Planetacho. Além de publicarem suas produções nos veículos de comunicação citados, as disponibilizam em suas páginas na internet.

---

<sup>4</sup> Reconhecer a imagem. Por exemplo, reconhecer uma ceia como a Última Ceia.



## XII SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS

Profissão, Professor: Desafios no Ensino de História

[www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos](http://www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos)

As charges escolhidas para análise têm um tema comum. Elas versam acerca dos professores e atribuem a eles, e ao contexto em que estão inseridos, alguns sentidos específicos que dizem não só daquilo que faz parte da sua profissão, mas, sobretudo, lhes conferem elementos do imaginário coletivo acerca desses profissionais. Elementos como gênero, perfil, credibilidade, valorização e desvalorização da figura do professor perpassam por essas imagens reforçando determinados estereótipos e, realizando, em tom de sátira, uma certa denúncia social.

O discurso mediático elabora um ponto de vista padronizador da imagem do docente [...] E, não raro, de tais categorias decorrem estigmas – termo designador de pessoas socialmente indesejáveis, marcadas por algum desvio condenável – que revelam os mecanismos de violência simbólica, conforme formula Pierre Bourdieu (CITELLI, 2012, p. 11).

Nesse sentido, os estigmas atribuídos ao professor aparecem nas charges de Sinovaldo e Tacho e realizam de forma simultânea, por um lado, a manutenção dos estereótipos e, por outro, a acusação das mazelas vivenciadas por esses profissionais.

Considerando que as representações têm o papel de “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 2002, p. 16) é possível estabelecer algumas inferências acerca do modo como a função do professor, na atualidade, é percebida pela sociedade. E, nesse sentido, analisando as nove charges destacadas, observamos uma espécie de sentido comum, de visão geral e coletiva acerca do ofício de mestre. Assim, observa-se que “as formações discursivas mediáticas que evidenciam determinadas imagens do professor operam a partir de matrizes argumentativas orientadoras dos processos de representação” (CITELLI, 2012, p. 11). E, dessa forma, essas matrizes argumentativas permanecem sendo alimentadas pelas representações que delas tomaram forma.

Citelli (2012), alerta para o fato de que os meios de comunicação costumam proporcionar a falsa sensação de que o lido no jornal ou visto na televisão, expressa, necessariamente o plano vivido. Isto, no sentido de que “a representação diz respeito à construção (de imagens se quisermos) e não à reprodução do que ocorre

## XII SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS

Profissão, Professor: Desafios no Ensino de História

[www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos](http://www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos)

no mundo da vida” (CITELLI, 2012, p. 12). Nesse sentido, podemos pensar que as charges podem ou não, estar ligadas à imagem “real” do professor. Além de considerar a construção de um discurso ou o exagero no destaque de algumas características sobre o professor, é preciso estar atento a multiplicidade de ideias acerca desse profissional. O chargista fala “de fora”, fala de outra profissão. Teríamos que ouvir o próprio grupo representado, alunos, comunidade escolar, mantenedoras, para conseguirmos ser um pouco mais justos.

Arroyo (2002) nos diz que muitos saberes de muitos ofícios foram destruídos pela industrialização, pelo avanço das máquinas, da tecnologia, da incorporação do saber operário e do seu controle. Contudo, para falar do magistério, usa o termo “ofício de mestre”, sugerindo que a categoria mantém e reproduz a herança de um saber específico. E claro, o autor reconhece as pressões e embates no campo da educação, mas afirma que os traços mais definidores de toda ação educativa resistiram e perduram, que há uma resistente cultura docente. Entretanto, ao longo dos tempos, temos atribuído aos professores algumas representações que, para além de caracterizar o seu ofício, têm instaurado elementos estereotipados que, antes de destacar as ações desses profissionais, têm, sobretudo, reforçado imagens negativas sobre as condições econômicas, sociais e políticas desses profissionais.

A palavra “estereótipo” (originalmente uma placa da qual uma imagem podia ser impressa), como a palavra clichê (originalmente o termo francês para a mesma placa), é um sinal claro da ligação entre imagens visuais e mentais. O estereótipo pode não ser completamente falso, mas frequentemente exagera alguns traços da realidade e omite outros (BURKE, 2004, p. 155).

Assim, observando as charges de Sinovaldo e Tacho, percebemos esses estereótipos comuns ao ofício de professor na atualidade e são eles que costumam determinar as visões gerais acerca do magistério em nossa sociedade. Ao exagerar determinados aspectos relacionados, principalmente, à questão salarial dos professores, as representações realizadas pelas imagens produzidas pelos dois chargistas omitem, em grande medida, outros aspectos fundamentais sobre essa profissão. A perspectiva econômica, tão destacada em inúmeras representações acerca dos professores, ofusca, muitas vezes, outras denúncias relacionadas a esse

**XII SEMINÁRIO DE  
ESTUDOS HISTÓRICOS**

Profissão, Professor: Desafios no Ensino de História

[www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos](http://www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos)

universo que, timidamente, aparecem entre as charges selecionadas para este estudo.

Quando acompanho os vinte últimos anos de história do magistério, vejo mais do que luta por salários e carreira, estabilidade e condições de trabalho. Vejo a defesa e afirmação de um ofício que foi vulgarizado e precisa ser recuperado sem arrependermos do que fomos outrora, porque ainda o somos (ARROYO, 2002, p. 23).

Arroyo (2002) fala de uma vulgarização do ofício do professor que, de alguma forma, está explicitada nas representações propostas pelas charges, em especial, quando a questão salarial é posta como elemento primordial da caracterização da função de professor.

Assim, a análise dessas imagens perpassa pela consideração de que existe um discurso que permeia a linguagem verbal e não verbal dessas charges e, desse modo, de acordo com Bakhtin (1988), esse discurso advém de um processo histórico e social que tem uma intencionalidade e que responde a algo que veio antes dele, em uma atitude de interatividade. Pensando que, “em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa” (BAKHTIN, 1988, p. 88), é possível entender que as construções discursivas propostas em cada uma dessas charges estão associadas aos discursos e imaginários vigentes na sociedade e respondem de modo irônico, crítico, condescendente e/ou superficial à atmosfera geral que circunda a imagem do professor na sociedade brasileira.



Charge 1 – Sinovaldo



**XII SEMINÁRIO DE  
ESTUDOS HISTÓRICOS**

Profissão, Professor: Desafios no Ensino de História

[www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos](http://www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos)

Nesta primeira charge de Sinovaldo, cujo título é Aumento dos professores, duas cenas são representadas. Na primeira, à esquerda, um assaltante impõe a arma para uma mulher que já está de braços erguidos e exclama “Quêê?? É professora??. Na segunda cena, a então professora, está segurando a mochila e a arma do bandido, que já está correndo ao longe e grita “Pode ficar com tudo!!!”.

Nessa imagem é possível reconhecer aquilo que contribui para a vulgarização do ofício de professor e que compõe um discurso comum presente na atualidade brasileira acerca desse profissional. Paira entre a nossa sociedade um tom irônico em relação à situação econômica desses profissionais. E, dessa forma, a charge denuncia um discurso de compaixão em relação ao professor, que, de acordo com a imagem, causou misericórdia inclusive de um elemento marginalizado na sociedade.

**Charge 2 - Sinovaldo**

A segunda charge de Sinovaldo, também intitulada Aumento dos professores, sugerindo ligação com a primeira, retrata o ambiente de uma sala de aula, com a figura da professora sentada à mesa, à esquerda, sobre a qual há um vaso com uma flor, um papel em branco e um livro. Ao fundo o quadro branco e, em primeiro plano, à direita, uma menina que fala olhando para a mulher “Sora, não vou mais trazer maçã! Vou trazer uma cesta básica!!!”.

Nessa charge a ideia geral da primeira imagem permanece. A situação salarial dos professores é novamente mencionada. No entanto, parte da criança a piedade em relação a sua professora. A imagem reforça a associação do professor

**XII SEMINÁRIO DE  
ESTUDOS HISTÓRICOS**

Profissão, Professor: Desafios no Ensino de História

[www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos](http://www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos)

com os baixos salários que têm sido motivo de grande reivindicação da classe ao longo dos últimos anos, especialmente, no Rio Grande do Sul.



Charge 3 – Sinovaldo

Em primeiro plano, na diagonal, a calçada e a rua, da direita para a esquerda. Sobre ela caminha uma mulher, que carrega uma bolsa e um livro. Ao seu lado, um pouco atrás, anda um pequeno cão, às suas costas à esquerda dela aparecem uma lata de lixo e um bueiro. A sua direita, em um vão entre duas construções, como se fosse um beco, estão dois assaltantes. Um pergunta: “Por que não assaltamos aquela lá??”, ao que o outro responde “Tá louco!!! É professora, ainda vai nos pedir dinheiro emprestado!!”.

A terceira charge de Sinovaldo, destacada nesse estudo, repete o tema salarial como foco da representação. Mais uma vez, um assaltante deixa de cometer o delito contra uma professora por considerar que suas condições econômicas são dignas de pena. A reprodução desse mesmo discurso aparece com frequência nas produções desse artista e, desse modo, reforçam a perspectiva de que essa representação tem grande amparo no imaginário da nossa sociedade.



## XII SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS

Profissão, Professor: Desafios no Ensino de História

[www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos](http://www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos)



Charge 4 – Sinovaldo

Nessa charge, novamente Sinovaldo trabalha com duas cenas. Na primeira um assaltante aponta uma arma para uma mulher e diz “Perdeu, perdeu!!! Passa o dinheiro!!!”. A mulher com os braços levantados em sinal de rendição fala com sorriso no rosto: “Pedrinho, é você?? Aquele aluno que só tirava nota baixa??”. Na cena seguinte, o ladrão correndo, olhando a nota de dinheiro que tem na mão, fala palavrões, que estão representados por figuras e complementa “Continuo tirando professora!!!”. Desta vez, a senhora coloca as mãos a cintura e está com zangada.

A quarta charge de Sinovaldo não altera o discurso percebido nas outras imagens. Os baixos salários destinados à profissão dos professores é tema recorrente em suas produções. Dessa vez, um elemento ligeiramente diferente é acrescentado à representação. O assaltante não deixa de realizar o furto, como nas outras charges. No entanto, logo se dá conta de que a nota que ela tem na carteira não é alta como ele, possivelmente, esperava.

**XII SEMINÁRIO DE  
ESTUDOS HISTÓRICOS**

Profissão, Professor: Desafios no Ensino de História

[www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos](http://www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos)**Charge 5 – Tacho**

Na charge número 5, de Tacho, cujo título é Tempos Modernos, caminham pela rua, com prédios ao fundo, duas crianças. Um menino e uma menina, aparentemente voltando da escola, pois estão com seus materiais. Eles estão se olhando, ao que o menino fala “Bah! Hoje tive que botá a profe de castigo!”.

O chargista Tacho diversifica um pouco mais as perspectivas relacionadas à figura do professor. Na imagem acima ele aponta para uma questão que permeia os discursos no ambiente escolar: hoje, os alunos não têm mais o mesmo respeito com os professores como havia antigamente. Não se está falando de autoritarismo, mas de autoridade, com sentido de reconhecimento, mérito. Assim, “colocar a professora de castigo” pode ser uma ação que atente para a atual desvalorização desses profissionais e a vigente mudança nos padrões de relacionamento entre professores e alunos. É possível inferir que “a modernidade” trouxe, por meio de uma série de alterações culturais, sociais e políticas, a inversão de valores que atualmente percebemos nas escolas brasileiras, especialmente, no que se refere às relações interpessoais.

## XII SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS

Profissão, Professor: Desafios no Ensino de História

[www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos](http://www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos)



Charge 6 – Tacho

Na charge de número 6, novamente Tacho representa duas crianças caminhando lado a lado, de mochilas nas costas. São dois meninos, um afirma “O salário dos professores é baixo!”. O outro constata “Bah! Como é que eles vão ensinar a gente a vencer na vida?”.

Nessa charge há, do mesmo modo das primeiras imagens, a menção ao salário dos professores. No entanto, essa relação aparece diretamente associada a um discurso comum na atual conjuntura econômica do país e do mundo: “vencer na vida” estaria diretamente relacionado ao dinheiro. Dessa forma, a carreira do magistério não figura entre aquelas que deveriam causar interesse aos jovens. Nessa perspectiva, outros elementos ligados a uma carreira profissional não são levados em consideração quando se pretende falar em sucesso.



Charge 7 - Tacho



## XII SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS

Profissão, Professor: Desafios no Ensino de História

[www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos](http://www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos)

À esquerda, caminham dois meninos de boné e mochila nas costas que conversam “É que só 10% aderiram. A frente deles, à direita, o chargista desenha uma professora segurando um cartaz com uma grande letra “G” e em sua roupa há a sigla CPERS. Seu semblante é de tristeza. Ela olha para frente e parece ouvir o que dizem os garotos.

Confirmando a diversidade de temáticas relacionadas ao professor, abordadas por Tacho em suas charges, aqui, a falta de adesão dos profissionais do magistério às lutas sindicais é evidenciada. Nessa imagem, um tom de crítica que, muitas vezes, circula entre os próprios professores, aparece ratificado pela percepção de duas crianças que, na imagem, apontam para a pequena participação desses profissionais às lutas de classe: aqui, apenas 10% dos professores aderiram à greve.



Charge 8 – Tacho

A oitava charge traz no canto superior esquerdo o dizer “Dia do Professor”. Abaixo, uma professora sentada à mesa, segura uma caneta com a mão sobre uma folha, mais a frente, há uma maçã bem vermelha. Com o olhar voltado para o papel, ela diz “Vamos à chamada...”. Ela chama “Salário justo”, que responde “Ausente!”. “Desrespeito”, que responde “Presente” e “Condições de trabalho”, que também responde “Ausente”.

Essa imagem traz, igualmente, um tom de denúncia mais acentuado. Além de mencionar determinados elementos tradicionais relacionados a este ofício: como a realização da chamada e a maçã sobre a mesa, a charge propõe uma reflexão

**XII SEMINÁRIO DE  
ESTUDOS HISTÓRICOS**

Profissão, Professor: Desafios no Ensino de História

[www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos](http://www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos)

acerca das presenças e ausências que permeiam o ambiente escolar na atualidade. A mensagem é clara: na escola, os professores não são respeitados, o salário é injusto e as condições de trabalho não são boas.



Charge 9 – Tacho

Nessa última charge que analisamos, há um menino e uma menina caminhando pela rua, prédios estão representados ao fundo, ambos carregam mochila e as cores de suas roupas, por serem iguais, sugerem que estão com uniforme escolar. O menino diz à menina “A profe chorou quando leu o teu cartão...”. Ela argumenta “Não era cartão era o contracheque deste mês...”

Por fim, Tacho aproxima-se da abordagem feita por Sinovaldo em suas charges. As crianças da imagem comentam a situação salarial da professora. De alguma forma, essa representação propõe uma espécie de trivialidade em relação a esse contexto. A frase dita pela menina da charge e a sua expressão facial delatam certa naturalidade em relação a sua constatação.

A partir dessas nove charges é razoável traçar algumas considerações acerca dos imaginários e das representações ali contidas. É possível identificar a recorrente abordagem acerca da questão salarial dos professores, a intertextualidade das perspectivas apresentadas com determinados discursos vigentes na sociedade, o sentimento de compaixão que, de modo geral, acomete a população em relação a situação dos professores, a inversão de valores e discursos na atualidade em relação a esses profissionais, a oposição entre a carreira do magistério e um

## XII SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS

Profissão, Professor: Desafios no Ensino de História

[www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos](http://www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos)

suposto sucesso profissional, a falta de adesão dos profissionais às lutas da classe e a referência às condições de trabalho dos professores que, na contemporaneidade, tem causado preocupação.

Após a reflexão levantada com a análise das imagens, devemos por fim, pensar sobre alguns aspectos gerais que Burke (2004) aponta quanto a interpretação de imagens. O primeiro ponto é que “as imagens dão acesso não ao mundo social diretamente, mas sim a visões contemporâneas daquele mundo” (BURKE, 2004, p. 236). Assim, o autor ainda afirma que os historiadores não podem esquecer as tendências opostas aos produtores das imagens, são eles confrontados com o problema de diferenciar entre o que chama de “representações do típico e imagens do excêntrico”. Dessa forma, diante da representação da imagem do professor, construída pelas charges, há outras que se afrontam, as quais partem dos próprios educadores, de pensadores da educação, da comunidade escolar, dos empregadores, enfim, de várias outras posições. Essa visão ou visões, não são unívocas.

Burke (2004, p. 237), por segundo, diz que “o testemunho das imagens necessita ser colocado no “contexto”, ou melhor, em uma série de contextos no plural (cultural, político, material, e assim por diante) (...)”. Assim, o entendimento acerca das representações contidas nas charges só é possível quando se conhece a atual conjuntura brasileira e, em especial, do Rio Grande do Sul, em relação a carreira dos professores do magistério público.

Por terceiro, o citado autor, assegura que uma série de imagens oferece um testemunho mais confiável do que imagens individuais. Dessa forma, ainda que as charges sejam apenas um fragmento da representação do imaginário acerca da visão do professor na atualidade, o fato de trabalharmos com uma série de imagens e com dois autores, nos dá uma visão ampliada.

Um quarto ponto destacado pelo autor é que no caso das imagens, assim como dos textos, “o historiador necessita ler nas entrelinhas, observando os detalhes pequenos mas significativos – incluindo ausências significativas – usando-os como pistas para informações que os produtores de imagens não sabiam que eles sabiam (...)” (BURKE, 2004, p. 238). Assim, por exemplo, por meio do detalhe, de todos os alunos representados serem crianças, temos o discurso direcionado ao



## XII SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS

Profissão, Professor: Desafios no Ensino de História

[www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos](http://www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos)

professor da Educação Básica, especificamente do Ensino Fundamental. Ou ainda, da representação do profissional como mulher, uma senhora, cabelos curtos ou médios, pode passar despercebida num primeiro olhar às charges, mas pode nos dizer sobre o imaginário acerca dessa figura, além de especificar a parcela da categoria a quem essas condições se aplicam. Dessa forma, podemos entender, por exemplo, que o professor que vivencia tais condições não é aquele que trabalha no ensino superior.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que as imagens veiculadas nas mídias têm um papel significativo na mediação entre imaginários e representações, é possível avaliar o conjunto de charges, destacado por este breve estudo, como portador de expressivos elementos a serem foco de reflexão acerca do professor.

As temáticas abordadas pelas charges selecionadas perpassam pelas questões de gênero, perfil, credibilidade, valorização e desvalorização da figura dos professores. Essas perspectivas, por um lado, valem-se de um tom de denúncia da situação atual dos docentes e, por outro lado, reforçam estereótipos vigentes.

Tais representações partem de um imaginário constituído na sociedade acerca do professor e, por sua vez, contribuem para cristalizar e propagar determinadas visões a respeito desse profissional. Refletir sobre essas construções imagéticas traz à tona importantes considerações acerca do espaço ocupado pelos professores em nossa sociedade, bem como sobre as atribuições dadas a eles e seu ofício na atualidade.

### REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: Editora da UNESP e Hucitec, 1988.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru: EDUSC, 2004.

**XII SEMINÁRIO DE  
ESTUDOS HISTÓRICOS**

Profissão, Professor: Desafios no Ensino de História

[www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos](http://www.feevale.br/seminarioestudoshistoricos)

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre Práticas e Representações**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 2002.

CITELLI, Adilson. **Educomunicação: Imagens do professor na mídia**. São Paulo: Paulinas, 2012.

PLANETACHO. Disponível em < <http://planetacho.blogspot.com.br/>>. Acesso em 20 de ago. de 2015.

SINOVALDO. Disponível em <http://www.sinovaldo.com.br/>. Acesso em 20 de ago. de 2015.